

UMA GREVE GERAL NO FUNCHAL

As arbitrariedades do costume: prisões, apreensão dum jornal e encerramento das associações operárias, não conseguem fazer vergar os grevistas, que conseguem ver reduzidos os preços de alguns gêneros

A burguesia, desvairada pela sua sôr-
dida ganância, dementada pela sua es-
túpida e feroz avidez, temia em colaborar, embora inconscientemente, com afisco, na escavação da grande e profunda sepultura em que a sua obra mil-
vezes malhada há de ficar enterrada.

A sua atitude rancorosa e a sua ação espoliadora para com os que trabalham, aceleram a marcha para o estabelecimento duma nova ordem de coisas, pois uma e outra conseguem fazer desaparecer, entre os explorados das diversas categorias sociais, a existência de barreiras que as dividiam e as levavam a olharem-se como inimigas, e que só por um longo e persistente trabalho de propaganda se conseguiria abater.

Essa atitude e essa ação levam a revolta a todos os recantos onde existe um explorado, onde agoniza um faminto, levando-os a unirem-se fortemente contra a exploração capitalista.

Por isso é que a luta do povo contra os seus senhores vai ganhando as populações, mesmo aquelas que, pelo afastamento a que estão dos grandes centros de ideias, poucas esperanças podiam oferecer de vir a marcar tanto o seu lugar na luta de classes que cada vez mais se afirma pelo mundo, pondo o seu objectivo na derrota dos detentores da riqueza social, pela implatação duma sociedade em que a igualdade económica não seja uma mentira.

No Funchal, capital da ilha Madeira, declarou-se, nos fins do p. m., uma greve geral das classes trabalhadoras, levadas a esse extremo pela fome a que estavam sendo condenadas pela burguesia, que do sempre crescente aumento do custo da vida, fez um filão inexgotável para amontoar fortunas, que lhe proporcionou o gôsto de contínuos prazeres.

A exaltação dos ânimos, por motivo da carência da vida, vinha acentuando-se desde há muito, e nescio seria não futurar-lhe um termo mais ou menos violento, se as razões da existência dessa exaltação cada vez se agravam mais.

Certamente, no topo intento de utilizar a ação dos grevistas, mas, na verdade, contribuindo ainda mais para a sua excitada rebeldia, as autoridades do Funchal, na sexta feira, 26 de Março, postaram-se a porta da Casa Sindical no intuito de apreender o semanário *O Operário*, órgão dos Sindicatos Operários do Funchal e do proletariado em geral, só conseguindo deitar a mão a uma sentença e oito exemplares, pois os restantes, apesar do cerco, escaparam às garras policiais.

Uma comissão procurou o governador civil, fazendo-lhe sentir quanto de arbitrio tinha a apreensão de *O Operário*, demonstrando-lhe que se algum procedimento tivesse de ser tomado contra o jornal, a lei da imprensa o facultava em demasia, mas sua ex.º imitando o seu baptista mentor, respondeu que havia uma lei de 1912 que permitia a apreensão de jornais ou outros impressos, cuja linguagem fosse considerada desejada.

Não se preocuparam os nossos camaradas com esse facto, e fizeram circular o mais possível o seu jornal.

No dia 27 tentaram os operários penetrar na sede da Casa Sindical, mas não poderam fazê-lo, pois a polícia e a guarda republicana tinham tomado posse do edifício.

Depois de várias demarcações que provaram que o fio das autoridades era desmantelar a ainda jovem organização operária do Funchal, realizou-se no domingo, 28, um comício no sítio do Furdado, na Levada, a freguesia de Santa Luzia.

Apesar de ser relativamente pouco concorrida essa reunião, por causa da chuva, os que a ela assistiram desmantelaram tal actividade que na segunda feira, a maior parte das indústrias estavam paralizadas, notando-se nas ruas grande aparato de polícia e guarda republicana.

Logo de manhã foram presos quatro camaradas da construção civil por anarem comunicando a outros o que se tinha resolvido na reunião da véspera, e o Furdado, de onde os manifestantes se haviam retirado, marchando, na melhor ordem, ao canto da *Internacional*, percorrendo assim uma boa parte da estrada da Levada de Santa Luzia.

Pelas 11 horas de segunda feira tentaram os grevistas reunir-se no mesmo local, mas o aparecimento de forças de polícia e guarda republicana não lho permitiu, dividindo-se em grupos, tentaram reunir-se no Monte e próximo, dos Sanatórios, mas foram perseguidos, sendo presos alguns grevistas.

Estas prisões não desanistaram os nossos camaradas em luta, pois ao mesmo tempo que elas se realizavam, uma comissão de gráficos percorria as oficinas dos jornais e outras, aderindo o respectivo pessoal imediatamente ao movimento.

A uma comissão que o procurou, disse o governador civil que não consentia que se fizessem mais reuniões da União dos Sindicatos, depois do que, perto das 15 horas, tendo o comissário da polícia conferenciado com o governador civil, foram chamados à sua presença alguns dos operários presentes, que representavam as respectivas associações, aos quais foi exposto o que as autoridades tinham resolvido.

Depois de ter dito que a União dos Sindicatos não tinha existência legal, declarou que a autoridade não consentia que estivessem instaladas na mesma casa tantas associações, que cada uma de procurar sede própria.

A alegação duma camarada de que se tornava impossível arranjar casas para todas, respondeu o comissário que aquela que o não conseguisse no prazo de trinta dias, lho comunicasse, mas podendo as associações continuar a reunir-se cada uma por si; declarando mais que os operários que haviam sido presos iam ser postos em liberdade.

Depois de ter falado no círculo vicioso do aumento do salário, da carência da vida, das medidas do governo para baratear o preço dos gêneros ficou-se em esperar a chegada do diário oficial para se verificar se as medidas

A grande imprensa e a Revolução Russa

Do que vale a grande imprensa, como informação e honestidade, toda a gente que tem dois dedos de independência conhece de sobjeito.

Com a mais completa ausência de dignidade, e até de inteligência, ela inventa os mais desastrosos capetões para servir os interesses, inconfessáveis da classe capitalista, desmentindo a opinião pública.

Na América diz-nos *L'Humanité*, de Paris, um jornalista deu-se à paciência de coligir o que a imprensa daquele país tem dito da revolução russa e de Lénine em particular.

Nunca artigo publicado em *Nacion*, de 6 de Março, intitulado *Lénine, o Times e a Presse Associée*, o autor dá um relato das mentirilhas dadas à luz da publicidade, sobre o assunto, pelo grande jornal de New York, *New York Times*.

Segundo esse jornal a cidade de Peitrogrado, durante a revolução, sofreu mais inconcebíveis vicissitudes. Assim ela caiu por seis vezes nas mãos das tropas reacionárias, por duas vezes foi arrazada pelo incêndio, e, ainda, por duas vezes tomada do maior pântano. Ajunte-se que durante este tempo ela morria constantemente de fome e que se revoltava por seis vezes contra o governo dos soviets.

O mais divertido ainda são as aventuras de Lénine e do governo dos soviets. Este foi derribado 37 vezes. Lénine desaviu-se e reconciliou-se depois com Trotsky 5 vezes; ele morreu 10 vezes; foi preso 16 vezes; fugiu 72 vezes.

Além disto, ele foi visto ao mesmo tempo nos lugares mais opostos da Europa. Umas vezes foi notado a sua presença na Alemanha, logo na Espanha, em seguida nas margens do lago Leman.

Lénine é, portanto, ajunta *L'Humanité*, o homem que consegue sempre quebrar as suas cadeias, que morre e ressuscita quando quer e que possui o mais alto grau de dom da ubiquidade. Não sendo de espantar que a imprensa burguesa acabe por considerá-lo um verdadeiro prodigo.

No *Times* — este é de Londres — encontra-se no número de 31 de Março um artigo intitulado *O triunfo de Lénine* em que se diz que Lénine destruirá brevemente todos os soviets e, tornando o proletariado revolucionário numa massa dócil e submissa, se fará o único senhor do maior império do mundo.

O jornalismo desse espécie dá-nos impressão que é feito por imbecis, por palhaços e por vigaristas.

União dos sindicatos operários

Este organismo, que continua em sessão permanente, resolveu na sua reunião de ontem, solicitar dos sindicatos aderentes, que ainda o não fizeram, o pagamento das suas cotisações o mais rapidamente possível, lembrando ao mesmo tempo, que muito brevemente serão chamadas as direções dos sindicatos, afim de se pronunciarem sobre um assunto urgente.

Tencionava, também, este organismo, a destruição da conflituosa situação em que se encontram os camaradas dos tabacos, movimento que tem de ser encarado com a atenção que merece.

Como resultado disto está o povo maioritário a ordinar a mais não poder ser, aprovando este protesto para pedir o desarmamento e a expulsão daquela guarda, que só serve para guardar as costas e as casas dos exploradores.

Classes gráficas

Continuam em greve os quadros dos jornais da tarde, à exceção do jornal *O Século*, edição da noite, em virtude de deliberações tomadas pela Comissão Executiva.

Nos jornais da manhã mantêm-se o lock-out das empresas jornalísticas, estando fora deles os jornais *O Século* e o *Diário de Notícias*, que não tiveram aderido àquele as respectivas empresas, apesar dos esforços empregados pelas representantes para que esses jornais deixassem também de publicar-se.

A comissão pró-avamento de salário recebeu já a adesão à Organização de Trabalho e Salaríos Mínimos dos jornais *A Batalha*, *O Combate* e *O Luso*, esperando ainda esta semana a adesão de novos jornais.

Regista a comissão a firmeza dos componentes dos quadros gráficos dos jornais, na continuação do movimento, reificando a disposição em que estão de só retomarem o trabalho quando a Comissão Executiva assim o determinar, tendo assinado, espontaneamente, todos os quadros gráficos um compromisso de hora nesse sentido.

Tomou também a comissão conhecimento de que as empresas jornalísticas preparam a saída dum jornal diário intitulado *O Jornal dos Jornais*, manufactured por tipógrafos militares.

Pois saibam os srs. da Segurança do Estado e quaisquer outros que o nosso camarada Cardoso não está enganado porque não tem motivo para tal.

Os camponeses húngaros não aceitam ordens de Berlim

A União dos Camponeses Bárbaros Cristãos, Liga Bárbara dos Camponeses, a Liga dos Camponeses da Bárba e a União das Corporações Camponesas da Bárba, publicaram a seguinte declaração:

As organizações bárbaras não assinaram a fazez constar ao governo do rei ário a sua firme resolução de chamar os camponeses a uma reunião para exigir energia. Os agricultores húngaros recusaram-se de deixar a luta contra o governo por ser demasiado fraco para manter esta causa em obediência. A maioria dos camponeses bárbaros vêm espanto e indignação que com a aplicação do artigo 1º da Constituição do Império, a polícia e o governo sejam vencidos.

Estamos dispostos para isso a empregar a cultura, greve de entrega de produtos.

Hoje, pelas 14 horas, reúnem os delegados dos quadros dos jornais, sendo indispensável a comparecência de todos.

Restos da greve metalúrgica

A comissão de demarcações continua trabalhando junto da Associação Industrial, afim de aplanar algumas dificuldades suscitadas por industriais mais rentáveis na aceitação das tabelas de salários, tendo encontrado da parte daquela entidade todas as facilidades necessárias para bom termo dos seus trabalhos.

Em virtude da casa Parry & Sons ainda não ter pago, na passada semana, ao seu pessoal, em conformidade com as percentagens da tabela, foi encarregada a respectiva comissão de fábrica, de organizar uma lista dos operários que não foram aumentados conforme a tabela, afim de juntar da Associação Industrial novamente se tratar de tal caso. Na Parceria dos Vapores Lisboenses parece que os aumentos ainda deixam muito a desejar, pelo que a comissão executiva convide a comissão de fábrica a comparecer hoje no sindicato, afim de se tratar do assunto.

Hoje, para assunto importante, devem comparecer pelas 20 horas, na sede do sindicato, as comissões de fábricas, bem como os delegados de todas as oficinas metalúrgicas de Lisboa.

A 1ª hora devem também comparecer os delegados de todas as secções sindicais.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Um delegado dessa comissão avistou-se ontem, no governo civil, com vários camaradas assentados e respondeu-lhe que os operários que se reuniram para protestar contra a proposta patronal, o seu aumento de salário, estavam sendo perseguidos.

Na 1ª sessão que se realizou, o

delegado, que é deputado, respondeu que

o aumento de salário é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.

Este protesto é devido ao

desemprego que se verifica

nos sectores

de construção e de

indústria.